

O que os estudos sobre a referência devem a Benveniste

What studies on reference owe to Benveniste

Giovane Fernandes Oliveiraⁱ
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo: O presente texto objetiva discernir a contribuição de Émile Benveniste aos estudos sobre a referência. Para tanto, divide-se em dois momentos. Em um primeiro momento, delineia um estado da arte dos estudos que investigam aspectos pontuais do problema da referência no pensamento benvenistiano. Em um segundo momento, apresenta os resultados de um estudo de maior fôlego que expõe uma visão de conjunto da questão referencial na teoria da linguagem de Benveniste. O trajeto percorrido conduz à conclusão de que o problema da referência é um *leitmotiv* de Benveniste, uma das grandes interrogações que o acompanharam durante toda a sua existência.

Palavras-chave: referência; semântica da enunciação; metasssemântica; Émile Benveniste.

Abstract: This text aims to identify Émile Benveniste's contribution to studies on reference. To do so, it is divided into two moments. At first, it presents a theoretical outline of studies that investigate specific aspects of the problem of reference in Benveniste's thinking. Subsequently, it presents the results of a longer study that provides an overview of the issue of reference in Benveniste's theory of language. This path leads to the conclusion that the problem of reference is one of Benveniste's *leitmotivs*, one of the great topics that accompanied him throughout his life.

Keywords: reference; semantics of enunciation; meta-semantics; Émile Benveniste.

Palavras iniciais

“O homem sentiu sempre – e os poetas frequentemente cantaram – o poder fundador da linguagem, que instaura uma realidade imaginária, anima as coisas inertes, faz ver o que ainda não existe, traz de volta o que desapareceu” (BENVENISTE, 2005 [1963], p.27).

A que se deve o poder fundador da linguagem, sentido desde sempre pelos homens e cantado com frequência pelos poetas? O que possibilita à linguagem recriar o real, dar vida ao inanimado, vislumbrar o inexistente, restituir o desaparecido?

Na busca por respostas a tais interrogantes, o problema da referência figura incontornável. Do classicismo à contemporaneidade, tal problema atravessou os séculos, permanecendo como um dos temas que mais instigam lógicos, linguistas e filósofos da linguagem, mas também antropólogos, psicólogos, semioticistas, semiólogos e, mais recentemente, estudiosos das ciências da comunicação e da cognição.

A esse antigo problema, ligam-se questões fundantes da natureza tanto do homem quanto da linguagem – como as relações língua-pensamento, língua-sociedade/cultura/ideologia; como os temas da aquisição da linguagem, da tradução, da significação, da designação, da comunicação; como os fenômenos da enunciação, da performatividade, da dêixis, da anáfora.

Não menos relacionadas ao problema da referência estão questões sensíveis da filosofia e da linguística, como a origem da linguagem, a diversidade das línguas, o relativismo linguístico, a natureza do signo linguístico, o uso da língua, a interlocução, o contexto, as unidades de análise privilegiadas – signo, frase, proposição, enunciado, ato de fala, texto, discurso –, as questões do conhecimento, da verdade, da criatividade, da subjetividade, da intencionalidade, da representação.

Autor da citação em epígrafe, Émile Benveniste não deixou de enfrentar esse problema milenar, o que fez no interior mesmo de um espaço de filiação a Ferdinand de Saussure. Tal espaço, embora reivindicado pelo próprio linguista sírio-francês, não foi por ele tomado como camisa de força. Afinal, considerado metafísico – e, por isso, banido do escopo disciplinar da linguística de origem saussuriana¹ –, o tema da referência é por Benveniste encarado como problema linguístico, especialmente nos últimos 15 anos de sua carreira.

Nesse período, após décadas de estudos descritivos (tanto sincrônicos quanto diacrônicos, realizados com base no francês moderno, mas também em outras línguas

¹ Em vez de “linguística de origem saussuriana”, talvez o mais adequado fosse falar em “linguística que se originou do *Curso de linguística geral*”. Isso porque, a partir do que chama de *textos originais* (vale dizer, de escritos assinados pelo próprio Saussure e de cadernos de alunos seus), Bouquet (1999) afirma que, embora o termo *referência* não conste nos escritos saussurianos, o feixe de problemas evocados por tal termo figura, nesses escritos, de maneira crucial, de modo que a questão da referência abre uma perspectiva para se considerar o pensamento semântico de Saussure. Em Oliveira (no prelo), estudo sobre Saussure, Benveniste e a referência, retomo mais detidamente a reflexão de Bouquet (1999).

modernas, bem como em línguas antigas e em línguas ameríndias), o autor produz uma série de textos teóricos nos quais interroga “problemas de linguística geral”. Dentre tais problemas, está a referência, que, tomada como um dos mecanismos gerais atrelados ao funcionamento da linguagem humana, é objeto de uma intrincada teorização.

O presente texto objetiva discernir a contribuição de Émile Benveniste aos estudos sobre a referência. Para tanto, além destas palavras iniciais e das palavras finais, divide-se em dois momentos. Em um primeiro momento, delineia um estado da arte dos estudos que investigam aspectos pontuais do problema da referência no pensamento benvenistiano. Em um segundo momento, apresenta os resultados de um estudo de maior fôlego que expõe uma visão de conjunto da questão referencial na teoria da linguagem de Benveniste.

2. A referência na fortuna crítica benvenistiana²

Tanto na França quanto no Brasil³, o problema da referência já despertou o interesse de estudiosos da obra de Benveniste. Esta seção apresenta um panorama que, embora não exaustivo, é representativo dos principais resultados aos quais, nos dois países, chegaram trabalhos que se voltaram para as ideias do linguista acerca da questão referencial. Antes, porém, de passarmos a tal panorama, duas observações sobre este se fazem necessárias.

Primeira observação: não foram incluídos, nesse estado da arte, estudos que, apesar de discutirem uma ou outra ideia relacionada ao problema da referência em Benveniste, não consistem em estudos intrateóricos propriamente ditos. É o caso de trabalhos como o do filósofo francês Frédéric Nef (1986), no qual o autor procede a uma comparação epistemológica entre a pragmática formal e a teorização enunciativa benvenistiana a partir do par *indexicalidade-indicialidade*, mas esclarece que se dedica mais aos *confrontos interteóricos* do que aos *debates intrateóricos*.

Segunda observação: devido aos limites do presente artigo, o panorama aqui esboçado não inclui três estudos teórico-analíticos que, a despeito de não serem trabalhos intrateóricos propriamente ditos, não só operacionalizam análises a partir das ideias de Benveniste sobre a referência, mas também procuram compreender tais ideias no interior mesmo de sua teoria. Trata-se das investigações dos pesquisadores brasileiros Carmem Luci

² Esta seção retoma parte da discussão presente no Capítulo 1 de Oliveira (2022a).

³ O foco nesses dois países justifica-se pelo fato de serem os contextos nacionais que mais produziram frutos em termos de fortuna crítica benvenistiana.

da Costa Silva e Giovane Fernandes Oliveira no âmbito da aquisição da língua em sua realização tanto vocal (cf. SILVA, 2009; OLIVEIRA, 2020) quanto gráfica (cf. OLIVEIRA, 2022b).

Feitas as observações, passemos, pois, ao panorama sobre os estudos a respeito da referência em Benveniste.

Na França, destacam-se os trabalhos de Normand (2009a [1997]; 2009b [1996]), Dessons (2006) e Ono (2007)⁴.

Em texto sobre o alcance conceitual da metáfora *interior/exterior* em Meillet, Saussure e Benveniste, Claudine Normand (2009a [1997]) comenta que tal oposição resume o problema da referência como relação, intermediada pela linguagem, entre o espírito e o mundo. Após mostrar que a referência é ignorada na descrição linguística por Meillet e excluída do objeto da linguística por Saussure, a autora discute o problema em Benveniste.

De acordo com Normand, apesar de, no artigo “Natureza do signo linguístico” (1939), Benveniste distanciar-se de Saussure ao caracterizar a relação significante-significado como necessária e ao atribuir a arbitrariedade à relação signo-realidade, ele assume inicialmente a posição do mestre no que concerne ao afastamento, da alçada do linguista, do estudo da referência. Essa posição inicial muda, contudo, no avanço de suas pesquisas, particularmente com a formulação, nos textos da década de 1960, da distinção *semiótico/semântico*, que insere “a referência no estudo (linguístico) do *semântico*, ao mesmo tempo em que tudo o que faz o contexto de uma enunciação” (NORMAND, 2009a [1997], p.147, *itálico do original*).

A oposição *interior/exterior* adquire, pois, um lugar outro no pensamento benvenistiano, cujo apelo constante ao sujeito e ao sentido “faz intervir o *exterior* referencial e contextual” (NORMAND, 2009a [1997], p.149, *itálico do original*). Para Normand, Benveniste mostra que, pela língua, os locutores se constituem em sua interioridade e se situam em relação à exterioridade. Assim, a oposição *interior/exterior*, na obra do linguista, “introduz uma filosofia do sujeito e do sentido, uma fenomenologia que

⁴ Embora Aya Ono seja uma estudiosa japonesa e não francesa, seu livro de 2007 é aqui mencionado junto a estudos franceses por ser uma obra resultante da tese de doutoramento da autora, desenvolvida na França, sob a orientação de Michel Arrivé.

daria à linguagem um lugar central, constitutivo do ser humano” (NORMAND, 2009a [1997], p.150).

Em outro artigo, inteiramente dedicado ao problema da referência em Benveniste, Normand (2009b [1996]) se ocupa de examinar como esse tema emerge nos estudos do linguista e que relações entretém com sua teorização enunciativa.

Tal propósito leva Normand (2009b) a problematizar, primeiramente, a distinção *significação/designação*, ligada ao “duplo papel da língua: nomear o mundo (designação arbitrária em relação à realidade) e dizê-lo no interior de um sistema, em relações pelas quais as formas se motivam reciprocamente (significação)” (NORMAND, 2009b [1996], p.157). Essa distinção é problematizada via comparação de dois diferentes trabalhos de Benveniste, a qual conduz Normand a identificar uma mudança na reflexão do linguista, com a assunção da significação como problema teórico a partir de 1964.

A autora esclarece, por fim, que a mudança de atitude de Benveniste quanto à referência liga-se ao amadurecimento de sua teorização enunciativa, sendo “a especificidade sui-referencial dos termos da ‘pessoa’ [o] que permite a Benveniste como linguista tratar da referência, sem reduzir a semântica a seu modelo lógico-positivista” (NORMAND, 2009b [1996], p.154, aspas do original).

Outro pesquisador francês que aborda o problema da referência no pensamento benvenistiano é Gérard Dessons (2006), em seu livro *Émile Benveniste, l’invention du discours*. Parte expressiva dessa obra é dedicada aos grandes temas do que o autor denomina como uma *antropologia da linguagem* em Benveniste: a comunicação intersubjetiva, o discurso, a relação língua-linguagem, a significação, a subjetividade e o tempo – cada um desses temas mobilizando diversas questões. Embora não reserve uma seção exclusiva ao tema da referência, Dessons discute brevemente tal tema ao tratar das relações *signo/frase*, *semiótico/semântico* e *pessoa/não pessoa*.

Quanto à relação *signo/frase*, esta destaca a questão da unidade na discussão sobre a referência. Segundo Dessons, Benveniste distingue o signo (unidade da língua) e a frase (unidade do discurso), concebendo esta como dotada de sentido e de referência à situação de discurso: “A frase é dêitica [...] retira a língua da metafísica do signo e a volta para a empiricidade do discurso” (DESSONS, 2006, p.64), o que supõe uma “tomada da linguagem sobre o mundo, a qual implica que o tempo do sujeito seja aquele da linguagem”, tomada que “Benveniste traduz pela noção de *referência*” (DESSONS, 2006, p.65).

Quanto à relação semiótico/semântico, a referência volta a aparecer quando Dessons retoma as noções benvenistianas de *semiótico* (independente de toda referência) e de *semântico* (caracterizado pela referência ao mundo da enunciação e ao universo do discurso). De acordo com o autor, o signo (domínio do semiótico) “não precisa se situar em uma relação com o mundo para significar” (DESSONS, 2006, p.95), enquanto o discurso (domínio do semântico) requer “a consideração da situação de enunciação, noção que designa, de fato, a relação contínua entre a linguagem, o homem e o mundo” (DESSONS, 2006, p.94).

Quanto à relação pessoa/não pessoa, Dessons trata rapidamente da referência no âmbito dessa relação ao confrontar a abordagem enunciativa da subjetividade em Benveniste com concepções metafísicas e idealistas do sujeito na filosofia, mas também na psicologia e na linguística. Desse confronto, retenho a contra-argumentação que o autor produz quanto às críticas à tese benvenistiana de que o *ele* é uma não pessoa, pois não participa do diálogo *eu-tu*. Conforme Dessons, tais críticas decorrem de uma dificuldade de se compreender “a lógica enunciativa polar de Benveniste”, distinta da lógica ternária tradicional (DESSONS, 2006, p.168)⁵:

A causa [da dificuldade de se afastar a “terceira pessoa” do processo enunciativo] reside verdadeiramente na concorrência de dois modelos do discurso: o modelo tradicional, de três termos, da comunicação (e isso desde os Gregos): aquele que fala (locutor), aquele a quem se fala (alocutário), aquele de quem se fala (delocutado), e o modelo de dois termos da enunciação: a pessoa dupla (*eu, tu*) e a não pessoa (*ele*). (DESSONS, 2006, p.167).

Para Dessons, o modelo tradicional subjaz tanto ao domínio da gramática (que, assentado no paradigma morfológico, alinha simetricamente *eu, tu* e *ele*) quanto ao domínio da teoria da comunicação (que, calcado no modelo lógico, identifica a função referencial ao tema proposicional, reduzindo a atividade de linguagem à *mostração* do mundo).

⁵ Seria interessante um estudo que confrontasse o que Dessons (2006, p.168) denomina como “a lógica enunciativa polar de Benveniste” com o que o filósofo francês Dany-Robert Dufour (2000), em seu livro *Os mistérios da trindade*, a partir da linguística de Benveniste (mas também a partir da filosofia e da psicanálise), designa como o “campo da ‘lógica’ trinitária: o *significante* ‘eu’ é o *que representa o sujeito para dois outros significantes*, ‘tu’ e ‘ele’” (DUFOUR, 2000, p.93, aspas e itálicos do original). Embora Dufour use termos como *trinitário* e *ternário*, sua reflexão não parece convergente com o modelo tradicional do discurso, criticado por Dessons – mesmo porque Dufour também fala em “diversas relações diádicas: ‘eu’ e ‘tu’, ‘eu e tu’ e ‘ele’, ‘tu’ e ‘ele’” (DUFOUR, 2000, p.102, aspas do original, negritos meus), das quais a segunda relação (em negrito na citação anterior) parece condizente com a *lógica polar* de Dessons. Dufour trata da referência ao refletir sobre as relações enunciativas, mas, como esse livro seu não é um estudo intrateórico em Benveniste, não atende ao critério de inclusão estabelecido para a seleção dos trabalhos retomados nesta seção.

Eis, aí, a ruptura entre o modelo tradicional e o modelo enunciativo benvenistiano, o qual contesta a simetria da “terceira pessoa” com as duas primeiras e situa a referência destas em relação não ao mundo, mas ao discurso: “[...] para Benveniste, a referência de *eu* não é uma realidade do ‘mundo’. Ela é especificamente uma ‘realidade de discurso’”, sendo “isso que faz a diferença entre uma abordagem lógica, que permanece majoritariamente aquela da filosofia, e uma abordagem enunciativa da linguagem” (DESSONS, 2006, p.172, aspas do original).

Também em contexto francês, em seu livro *La notion d'énonciation chez Émile Benveniste*, Aya Ono (2007), apesar de ter como foco o problema da enunciação na obra benvenistiana, formula algumas ideias interessantes acerca do problema da referência nela. Segundo a autora, “A emergência do problema da referência é interessante, a um só tempo, para o exame histórico do pensamento benvenistiano e – numa perspectiva comparativa – para o que concerne à ‘realidade do discurso’” (ONO, 2007, p.37, aspas do original). Com base no artigo “O aparelho formal da enunciação” (1970), Ono delineia cinco grandes aspectos da enunciação:

- (a) o aspecto da realização vocal da língua, que ela afirma envolver tanto a *realização oral* quanto a *realização escrita* do sistema linguístico, a despeito de a primeira ser por Benveniste privilegiada como objeto de teorização;
- (b) o aspecto operacional da conversão da língua em discurso, o qual a estudiosa localiza no quadro de uma semiologia que, ocupando-se da transformação do signo em palavra, tenta se distinguir da semiologia saussuriana;
- (c) o aspecto individual da enunciação, ligado à mobilização da língua pelo locutor;
- (d) o aspecto dialógico, que Ono (2007) vincula tanto à noção de *intersubjetividade* quanto ao aspecto social da enunciação, defendendo que “compreender a enunciação como ‘ato de fala na sociedade’ é uma ideia-chave do último Benveniste” (ONO, 2007, p.32, aspas do original);
- (e) o aspecto referencial, que a autora relaciona estreitamente aos aspectos operacional e individual, embora – como a seção seguinte o atestará – não seja menos estreita a relação do aspecto referencial com o aspecto dialógico.

Ainda sobre o aspecto referencial, Ono pontua que “toda enunciação, mesmo se seu conteúdo é fantástico ou imaginário, liga o locutor e o colocutor ao mundo ou, mais precisamente, à realidade do discurso”, de modo que o “aspecto referencial convida a

examinar atentamente o conceito de realidade e o problema do tempo linguístico em Benveniste” (ONO, 2006, p.32). Com efeito, a autora aborda o problema da referência em Benveniste enquanto “relação entre a enunciação e a realidade”, sendo a enunciação entendida como “projeção da fala no tempo e no mundo vivido” (ONO, 2006 p.57) e a realidade, como “‘realidade do discurso’, cada vez única e fugidia”: “A realidade da qual fala Benveniste é sempre a realidade do discurso, não é jamais a ‘realidade do mundo’ enquanto tal” (ONO, 2006, p.85, aspas do original).

Já no Brasil, destacam-se os trabalhos de Cardoso (1997), Aresi (2012), Ciulla (2018a, 2018b), Hoff (2018) e Flores (2019).

Conforme Sílvia Helena Barbi Cardoso (1997), antes dos anos 1960, Benveniste postulava “duas *realidades diferentes*: a realidade subjetiva do discurso e a realidade objetiva do mundo fenomenal” (CARDOSO, 1997, p.78, *itálicos do original*). Entretanto, pontua a pesquisadora que tal distinção parece cair por terra no texto “O aparelho formal da enunciação” (1970), em que “A referência passa a ser condição da enunciação” (CARDOSO, 1997, p.80).

Para Cardoso (1997), embora represente um avanço nos estudos linguísticos por neles reintroduzir a referência, a teorização benvenistiana limita o dinamismo da relação linguagem-mundo ao situar a referência no domínio semântico, em que “tudo [...] é concebido com valores subjetivos e individuais” (CARDOSO, 1997, p.83). Logo, “Presa à fugacidade da enunciação, [a referência] é concebida independentemente do jogo de influências sociais condicionantes”, de uma maneira, conforme a autora, “não muito comprometida com as determinações histórico-sociais a que todo discurso deve estar sujeito (CARDOSO, 1997, p.83).

Ora, uma tal crítica parece não se sustentar, por pelo menos três razões.

A primeira razão diz respeito ao fato de que, nessa crítica, aparentemente, “A teoria de Benveniste é avaliada em um quadro epistemológico estranho a sua própria configuração epistemológica, o que conduz a uma interpretação, no mínimo, inadequada” (FLORES, 2017, p.61). Essa citação, atrelada à contra-argumentação por Flores (2017) formulada sobre as críticas que a análise do discurso pecheutiana endereça à concepção benvenistiana de subjetividade, é perfeitamente cabível às contestações por Cardoso (1997) dirigidas à concepção benvenistiana de referência. Afinal, também essa autora parece vincular-se menos a uma perspectiva linguístico-enunciativa do que a uma abordagem discursivo-

materialista, ao acusar Benveniste de ignorar questões que não eram focos de seu interesse – embora não se possa dizer que ele as desprezasse (cf. MILNER, 2008, p.131).

A segunda razão concerne ao fato de que o domínio semântico – contrariamente à afirmação de Cardoso (1997) conforme a qual esse domínio, como concebido por Benveniste, reduz-se a valores subjetivos e individuais – é pelo linguista teorizado no âmbito de uma discussão em que a sociedade ocupa lugar central. A título de ilustração, vejamos esta passagem do texto “A forma e o sentido na linguagem” (1966/1967): “Somente o **funcionamento semântico** da língua permite a **integração da sociedade** e a adequação ao mundo e, por consequência, a regulação do pensamento e o desenvolvimento da consciência” (BENVENISTE, 1974 [1966/1967], p.224, tradução¹⁰ e negritos meus).

A terceira razão se deve ao fato de que a referência é, como veremos na seção seguinte, teorizada por Benveniste no quadro de uma relação dialética tanto entre indivíduo e sociedade quanto entre língua e realidade. Acerca disso, mesmo não mencionando Cardoso (1997), Marlene Teixeira e Rosângela Markmann Messa (2015) evocam os termos da autora para a ela responder: “A abertura à dimensão dialógica desfaz a antinomia entre o eu e o outro, o indivíduo e a sociedade [...], introduzindo na enunciação a relação social”; dessa maneira, “O fato de conceber a ‘realidade’ como co-construída na fugacidade da enunciação não nos autoriza a entendê-la como independente do jogo de influências sociais e culturais” (TEIXEIRA; MESSA, 2015, p.106-107, aspas do original).

Já Fábio Aresi (2012) propõe interpretações da referência em Benveniste mais afinadas com o pensamento do linguista do que as de Cardoso (1997). Partindo da ideia de *referência* como parte integrante da enunciação, presente em “O aparelho formal da enunciação” (1970), o autor retorna aos artigos anteriores a este, na tentativa de compreender como Benveniste chegou a essa ideia.

Ainda que não proceda a um exame pormenorizado, em cada texto, das acepções relacionadas à referência, o pesquisador faz uma importante observação sobre o deslocamento por Benveniste operado em sua reflexão a respeito do problema referencial. Para Aresi, a discussão a propósito da referência está presente em todos os trabalhos

¹⁰ Em função de questões de tradução (ligadas a desacordos ora textuais, ora teóricos), utilizarei, eventualmente, as edições originais dos PLG I e II, apresentando traduções alternativas às edições brasileiras, sendo de minha responsabilidade tais traduções alternativas (assim como as traduções de textos em francês ainda não traduzidos para o português). Para justificativas das traduções, ver Oliveira (2022a).

inseridos na parte “O homem na língua”, dos PLG I e II, mas de formas diferentes se comparados os escritos de 1960 (ancorados na relação forma-sentido) àqueles dos anos precedentes (centrados nas categorias de pessoa, de espaço e de tempo).

Pergunta-se o autor: “O que muda, no que diz respeito à ‘referência’, da perspectiva enunciativa de ‘pessoa/não-pessoa’ para a perspectiva de ‘semiótico/semântico’?” (ARESI, 2012, p.126, aspas do original), ao que responde: “Ora, se, nos textos dedicados aos ‘indicadores de subjetividade’, a referência é o parâmetro que permite discriminar tais indicadores dos demais signos da língua”, nos artigos dedicados à frase, “a referência se coloca como discriminadora de semiótico e semântico, abrangendo, portanto, a língua em sua *totalidade* (ARESI, 2012, p.126, aspas e itálico do original).

O que Aresi nos ajuda a compreender é a dimensão pela referência assumida em cada momento. Enquanto nos artigos anteriores a 1960 a teorização benvenistiana enfatiza a propriedade referencial dos pronomes, dos verbos, dos advérbios e de outras formas linguísticas, nos textos dessa década, o problema da referência é deslocado para o âmbito da frase como um *todo* que remete à situação de discurso e aos elementos que a caracterizam. Isso conduz o autor a concluir que “a questão acerca da ‘referência’ constitui um modelo claro do papel de síntese e organização da reflexão desenvolvida por Benveniste no âmbito do homem na língua” (ARESI, 2012, p.130, aspas do original).

Também Alena Ciulla (2018a, 2018b) se tem debruçado sobre as ideias benvenistianas acerca da referência.

Em Ciulla (2018a), a autora refuta o que chama de uma *visão cartográfica da realidade*, concebendo a referência como um “processo pelo qual os falantes se referem ao mundo na língua e pela língua, numa realidade que se constitui no discurso” (CIULLA, 2018a, p.705-706). Nesse processo, a pesquisadora sublinha quatro características enunciativas: (a) a (inter)subjetividade enquanto relação do locutor com a língua e com o outro e enquanto centro das coordenadas pessoais, espaciais e temporais do discurso; (b) o traço de ostensão enquanto apontamento para os objetos não do mundo, mas da realidade discursiva; (c) a determinação do sentido pela referência enquanto estado de coisas que o provoca; (d) a enunciação enquanto meio de realização da referência, que fornece as condições para a interpretação dos sentidos.

Por sua vez, em Ciulla (2018b), a estudiosa propõe uma releitura do texto “A natureza dos pronomes” (1956), assinalando os seguintes pontos: (a) a língua prevê duas maneiras de

referir, a *referência* (ligada à categoria de não pessoa, à sintaxe e à anáfora) e a *autorreferência* (associada à categoria de pessoa, ao discurso e à dêixis); (b) a importância da marca de pessoa na instauração do centro de referência interno da enunciação, que pode ser representado pelo esquema referencial *eu/tu-aqui-agora* enquanto “uma espécie de *hierarquia dêitica*” (CIULLA, 2018b, p.377, itálicos do original); (c) o redimensionamento da dêixis, que deixa de ser definida como o apontamento para objetos do mundo e passa a ser definida em função da autorreferência; (d) a autorreferência como condição da linguagem, visto serem os *signos vazios* (autorreferenciais) que possibilitam a conversão da língua em discurso.

Em contexto brasileiro, há, ainda, a dissertação de mestrado de Sara Luiza Hoff (2018). Nesse trabalho, cujo objeto é o manuscrito benvenistiano “La traduction, la langue et l’intelligence”, a relação língua-realidade é transversal. Destaco, a seguir, a parte em que a autora trata das noções benvenistianas de *referência* e de *referente*.

Após um percurso por textos de Benveniste e de leitores seus, Hoff (2018, p.130) questiona “uma tendência a pensar que a única referência possível é ao eu-aqui-agora da situação discursiva, excluindo-se das considerações os demais elementos a que um enunciado pode se referir”, o que a leva a se perguntar: “[...] será que o referente realmente está excluído dos horizontes da teorização benvenistiana?”.

Com base em ocorrências do termo *referente* nos escritos benvenistianos, a autora postula duas instâncias de compreensão do referente. Na primeira instância, de caráter mais subjetivo, a questão do referente se confunde com a da referência, estando ambas em íntima relação com a realidade discursiva: “[...] ao enunciar, o locutor (eu), além de fazê-lo em um determinado local (aqui) e momento (agora), também se refere a determinados elementos de realidade (referentes)” (HOFF, 2018, p.132). Na segunda instância, de caráter mais objetivo, haveria “um referente não tão específico, relacionado a uma percepção coletiva [...] que associa um determinado signo a uma determinada classe de ‘objetos’ do mundo” (HOFF, 2018, p.133, aspas do original).

Segundo Hoff, a primeira instância supõe unidades linguísticas em emprego no discurso, vinculadas a referentes e a referências particulares. Já a segunda instância implica tais unidades como matérias lexicológicas fora desse emprego e relacionadas a referentes generalizados. Mas isso não envolve uma separação entre o uso particular e a percepção coletiva: “[...] cada vez que uma referência – e um referente específico, consequentemente –

é estabelecida, as designações gerais – ou seja, as ligações entre determinados signos e seus referentes – vão se fixando na consciência coletiva” (HOFF, 2018, p.133-134).

A partir da distinção teórica entre as duas instâncias de referente, Hoff aproxima duas distinções metodológicas que Benveniste propõe. A primeira distinção, interna à significação linguística, concerne aos dois modos de a língua significar, o modo semiótico (base material) e o modo semântico (produção discursiva), cuja combinação constrói “uma dada referência, em que alguns referentes específicos estão invariavelmente implicados” (HOFF, 2018, p.134). A segunda distinção ocorre entre, de um lado, a dupla significação da língua e, de outro lado, a designação, “que representa a relação entre língua e mundo no sentido de correspondência entre signos e referentes. Essa relação resulta justamente das instâncias de uso semântico da língua, porém não tomadas individualmente, mas coletivamente” (HOFF, 2018, p.134). De acordo com a autora, apesar de Benveniste, em alguns textos, insistir que a significação compete ao linguista e a designação a outros especialistas, a designação não está excluída das análises linguísticas (mesmo das análises benvenistianas), pois constitui um *ponto de apoio fundamental* na apreensão, pelo linguista, da significação.

Outro autor brasileiro que problematiza a referência em Benveniste é Flores (2019, p.84), cuja tese é a de que “a enunciação impõe uma relação muito particular entre língua e realidade, o que possibilita falar que a enunciação, em função da propriedade autorreferencial, dá existência a um dado mundo na língua”.

O autor trata do que designa como três *clivagens fundamentais*. A primeira clivagem é entre a esfera da autorreferência do “eu” e a esfera do *uso cognitivo da língua*, caracterizadas por tipos de referência específicos: no primeiro caso, uma referência vazia, preenchida na enunciação; no segundo caso, uma referência plena, constante na língua. A segunda clivagem é entre a *categoria de pessoa* (*eu* e *tu*), que refere a si mesma na realidade discursiva que constitui, e a *categoria de não pessoa* (*ele*), que se aplica a realidades do “mundo objetivo”. A terceira clivagem é entre o indicador “eu” e os demais indicadores que partilham com ele a propriedade autorreferencial – os índices de pessoa, de espaço e de tempo.

Esses outros indicadores, contudo, não têm *valor prototípico* na teoria da linguagem benvenistiana como o “eu”, que conta com “uma propriedade que lhe é exclusiva, qual seja, a de proporcionar a passagem de locutor a *sujeito*” (FLORES, 2019, p.94, *itálico do original*). Segundo Flores, é o “eu” o principal indicador autorreferencial, em torno do qual se

organizam todos os demais. A partir disso, o linguista circunscreve o que denomina como o *escopo da autorreferência*:

- (a) o indicador autorreferencial “eu” possibilitou à linguística da enunciação uma descrição da subjetividade na linguagem – trata-se, aqui, do *homem na língua*, nos termos de Benveniste;
- (b) essa descrição admite a existência do *Homo loquens* enquanto ser falante – trata-se, aqui, da *língua no homem*, nos termos de Flores.

O autor conclui o seu estudo da seguinte forma:

Que mundo é este que tem existência pela autorreferência que a enunciação instala? É o mundo do falante. [...]

Assim, a enunciação institui uma relação entre língua e realidade que, mediada pelo falante, passa a ser a realidade do falante, pois a enunciação permite a inscrição do homem em sua própria fala. A realidade é sempre realidade de discurso porque é construída no discurso de cada um. [...]

É nessa **dialética** entre a língua – que é de todos – e a enunciação – que é de cada um – que se constrói um mundo, **uma realidade configurada em discurso**. (FLORES, 2019, p.108, negritos meus).

Ao contrário do que uma leitura apressada poderia concluir a partir das ideias de Flores sobre o falante como o mediador da relação língua-realidade, não se pode ver aí qualquer coisa como uma “subjetividade solipsista”. A subjetividade benvenistiana está – como vimos já em alguns estudos retomados nesta seção e como veremos na seção seguinte – em *relação dialética* com a sociedade, o que interdita toda e qualquer interpretação egocêntrica do sujeito e da referência em Benveniste.

Todos os trabalhos retomados nesta seção contribuem para uma compreensão mais acurada da referência em Benveniste. Contudo, a despeito de suas diferentes contribuições, nenhum dos estudos realiza uma incursão de fôlego pelos diversos textos em que o linguista teoriza a propósito da referência, a fim de mostrar não apenas o surgimento desse problema em sua teoria da linguagem – como o faz Normand (2009b [1996]) – ou aspectos pontuais de tal problema em alguns textos seus – como o fazem os demais estudiosos –, mas, sobretudo, o desenvolvimento do problema em questão ao longo da produção teórica de Benveniste.

Essa observação não encerra uma crítica aos trabalhos mencionados, pois estes não se propuseram a realizar a referida incursão de fôlego. Trata-se tão somente da constatação

de uma ausência que foi a condição de possibilidade do estudo que levei a cabo em Oliveira (2022a) e cujos principais resultados apresento na seção seguinte.

Por uma visão de conjunto da referência na teoria da linguagem benvenistiana

Em Oliveira (2022a), a partir de uma metodologia de leitura intrateórica centrada na referência como **termo** e como **problema**, busquei estabelecer uma visão texto a texto e uma visão de conjunto da referência na teoria da linguagem de Benveniste⁶.

Devido à ênfase em duas reflexões particulares no interior desse pensamento geral sobre a linguagem – a **teorização enunciativa** e a **teorização semiológica** –, o *corpus* teórico foi constituído com base na região da obra de Benveniste em que tais reflexões têm lugar, a saber, nos *Problemas de linguística geral I e II* (doravante, PLG I e II). Foram selecionados os seguintes textos: “A natureza dos pronomes” (1956), “Da subjetividade na linguagem” (1958), “A filosofia analítica e a linguagem” (1963), “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística” (1963), “Os níveis da análise linguística” (1962/1964), “A linguagem e a experiência humana” (1965), “A forma e o sentido na linguagem” (1966/1967), “Estrutura da língua e estrutura da sociedade” (1968/1970), “Semiologia da língua” (1969) e “O aparelho formal da enunciação” (1970).

A seleção desses textos considerou o objetivo perseguido e um duplo critério. O objetivo foi **compreender o desenvolvimento do problema da referência nas teorizações benvenistianas sobre a enunciação e a semiologia**. Já o duplo critério foi **terminológico e teórico**. Terminológico, pois são os textos que apresentam o maior número de ocorrências do termo *referência* e dos termos correlatos *referências*, *referente*, *referentes*, *referido*, *referencial*, *referenciais*, *sui-referencial* e *autorreferenciais*, assim como variações do verbo *referir(-se)* utilizadas teoricamente. Teórico, pois, apesar de nenhum dos textos versar exclusivamente sobre a referência, todos teorizam, em maior ou menor grau, acerca de tal problema.

A visão texto a texto foi desenhada por meio de uma **leitura analítica**, a qual consistiu em uma análise individual de cada texto do *corpus* em sua imanência, com o exame das ocorrências dos termos mapeados e com a identificação das acepções dessas ocorrências terminológicas. Tal leitura analítica focalizou cada texto em sua **sincronia**, investigando as **relações intratextuais** que nele se estabelecem em torno do problema da referência.

⁶ Esta seção retoma parte da discussão presente no Capítulo 4 de Oliveira (2022a), sintetizando os resultados concernentes à visão de conjunto. Para a visão texto a texto, ver o Capítulo 3 do mesmo livro.

Já a visão de conjunto foi desenhada por meio de uma **leitura global**, a qual consistiu em uma análise de conjunto das acepções dos termos mapeados nos textos do *corpus*, ancorada nos resultados da análise individual de cada texto em que tais termos comparecem. Essa leitura global enfocou os textos em sua **diacronia**, examinando as **relações intertextuais** que estabelecem entre si no que tange ao problema referencial.

Os resultados da leitura global do *corpus* teórico podem ser sintetizados em termos de caracteres gerais, de perspectivas semânticas e de estatutos teóricos.

Em relação aos **caracteres gerais**, trata-se de dois.

O primeiro é o **caráter aberto** das acepções de *referência* derivadas dos textos benvenistianos. Tais acepções remetem menos a definições conceituais fechadas como verbetes de dicionários (embora esse tipo de definição também se faça presente) do que a “conceitualizações novas”, assinaladas por “terminológicas próprias”, cujo “surgimento” e cujo “desenvolvimento” demarcam os “trajetos de pensamento” e os “progressos decisivos” de uma reflexão (cf. BENVENISTE, 1974 [1969], p.247).

Ademais, o termo *referência*, como um dos “termos primitivos” da teoria benvenistiana, é indefinível (cf. MILNER, 2021, p.41) e incompreensível se não articulado a outros termos e a outros problemas da teoria, não sendo, pois, um “termo-ferramenta”, associado sempre e somente a um conceito, mas um “termo em devir”, movido por “conceitualizações em curso” (cf. BADIR; POLIS; PROVENZANO, 2012, p.9).

A ideia de *processo*, contida no sufixo *-ação* do termo *conceitualização*, caracteriza bem as formulações instáveis que orbitam em torno do termo *referência* enquanto termo em constante transformação no pensamento benvenistiano. Essa característica de vir a ser – partilhada por seus termos correlatos – deve-se ao inacabamento de uma reflexão que jamais se pretendeu definitiva.

O segundo caráter geral identificado no conjunto das acepções de *referência* é o **caráter polivalente** destas. A polivalência – no sentido de múltiplos valores – de tais acepções é tributária, por um lado, da “incompletude” da teoria da linguagem de Benveniste e, por outro, das “flutuações terminológicas, conceituais e nocionais” (cf. FLORES, 2013a, p.28-43) que existem tanto entre os diferentes textos do linguista quanto no interior de um mesmo texto seu. Tal polivalência mostra os “graus diversos de teorização” (cf. NORMAND, 1986, p.201) das “utilizações teóricas” (cf. ONO, 2007, p.29-30) do termo *referência* e de seus termos

correlatos nos textos de Benveniste. Desse caráter polivalente, dão testemunho todos e cada um dos artigos analisados, em suas relações tanto intratextuais quanto intertextuais.

Quanto à polivalência no quadro das **relações intratextuais**, cada um dos textos examinados apresenta mais de uma acepção de *referência*. Além disso, muitos desses escritos contêm acepções não só distintas, mas também opostas.

É o caso de “A filosofia analítica e a linguagem” (1963), estudo no qual se encontra tanto uma acepção de *referência* que envolve uma propriedade do performativo (a propriedade autorreferencial) como fenômeno legítimo de análise linguística quanto uma acepção de *referência* que envolve uma implicação “extralinguística” (o resultado obtido por um dizer) não pertinente à descrição linguística.

É o caso, também, de “Semiologia da língua” (1969), estudo em que se localiza tanto uma acepção de *referência* que envolve o conjunto de valores a partir dos quais os membros de uma comunidade produzem e recebem o sistema linguístico próprio dessa comunidade (referência com traço sistêmico) quanto uma acepção de *referência* que envolve a relação do falar com uma dada situação em que a língua produz discurso que modela semiologicamente ela mesma e outros sistemas (referência com traço discursivo).

Quanto à polivalência no quadro das **relações intertextuais**, há acepções de *referência* nas quais circulam, de um texto a outro, os mesmos termos, mas com valores distintos e, por vezes, até opostos.

Ilustram isso “A filosofia analítica e a linguagem” (1963), “Os níveis da análise linguística” (1962/1964) e “A forma e o sentido na linguagem” (1966/1967). Enquanto nos dois primeiros trabalhos há empregos do termo *sentido* remetendo à ordem da língua como sistema e empregos do termo *referência* remetendo à ordem da língua como discurso, no terceiro estudo, ambos os termos são empregados em remissão ao domínio discursivo (semântico), ficando para o domínio sistêmico (semiótico) o termo *significado*.

O texto “Os níveis da análise linguística” (1962/1964) também exemplifica tal polivalência intertextual em relação ao artigo “Estrutura da língua e estrutura da sociedade” (1968/1970). Ao passo que o texto de 1962/1964 associa o termo *designação* ao referente do enunciado como um todo (uma dada situação concreta e específica relacionada à frase em sua globalidade) e ao referente de cada um dos termos do enunciado (um objeto geral ou particular relacionado à palavra em sua localidade no seio da frase), o artigo de 1968/1970

toma o termo *designação* como equivalente não a um referente/referência, mas a um *fato de vocabulário* enquanto signo lexical que remete a um referente/referência.

O conjunto das acepções derivadas dos PLG I e II mostra, pois, uma problematização marcada por instabilidades teóricas, as quais, porém, não significam falta de rigor, mas sim a abertura e o alcance heurísticos de uma intrincada reflexão – em desenvolvimento e inacabada – acerca do problema da referência.

Em relação às **perspectivas semânticas**, a visão de conjunto das acepções de *referência* derivadas dos textos de Benveniste autoriza-nos a agrupá-las em duas grandes perspectivas de investigação da significância: a **perspectiva da semântica da enunciação** e a **perspectiva da metassemântica**.

Os termos *semântica da enunciação* e *metassemântica* figuram no final programático de “Semiologia da língua” (1969). Por *semântica da enunciação*, Benveniste compreende a perspectiva da “análise intralinguística, [caracterizada] pela abertura de uma nova dimensão de significância, a do discurso, que denominamos semântica, de hoje em diante distinta da que está ligada ao signo e que será semiótica” (BENVENISTE, 1974 [1969], p.66). Por *metassemântica*⁷, o autor entende a perspectiva da “análise translinguística dos textos, das obras, pela elaboração de uma metassemântica, que se construirá sobre a semântica da enunciação” (BENVENISTE, 1974 [1969], p.66).

Se o termo *metassemântica* tem ares prospectivos, projetando uma perspectiva de análise da significância ainda por se construir, o termo *semântica da enunciação* tem ares retrospectivos, condensado uma série de estudos por Benveniste avançados desde meados da década de 1940 até o fim dos anos 1960. Juntas, essas duas perspectivas configurariam uma *semiologia de segunda geração*, de base discursiva, que iria além da semiologia de primeira geração (a semiologia saussuriana), de base sígnica. Se a semiologia saussuriana tem o signo como princípio único, a semiologia benvenistiana tem como princípio o discurso, cuja unidade é o signo atualizado em palavra.

No interior de cada uma das duas perspectivas semânticas em que a referência é por Benveniste teorizada, podemos apreender, de uma parte, **articulações** do problema

⁷ Acerca da questão da metassemântica, Rosário (2018) apresenta uma leitura distinta daquela que aqui apresento e em favor da qual argumento mais detidamente em Oliveira (2022a) e em Oliveira (2022b). Uma comparação dessas leituras excede os objetivos deste artigo, de forma que a destino a um estudo à parte.

referencial com outros problemas teóricos pelo linguista abordados e, de outra parte, **deslocamentos** da teorização benvenistiana atinente à relação língua-realidade.

No que concerne às articulações, na perspectiva da semântica da enunciação, o problema da referência é articulado, sobretudo, aos problemas da **subjetividade** (relação locutor-língua), da **intersubjetividade** (relação locutor-alocutário) e da **sintagmatização-semantização** (relação forma-sentido). Já na perspectiva da metasseântica, o problema da referência é articulado, sobretudo, aos problemas da **simbolização** (relação língua-pensamento-realidade), da **dupla significância** (relação semiótico-semântico) e da **interpretância** (relações língua-sociedade e língua-outros sistemas).

No que concerne aos deslocamentos, no interior da perspectiva da semântica da enunciação, vemos um deslocamento de uma **abordagem indicial da referência** (centrada na organização referencial dos signos linguísticos em termos de natureza e de função) para uma **abordagem operatória da referência** (focada no funcionamento desta no processo enunciativo como um todo). Por sua vez, no interior da perspectiva da metasseântica, testemunhamos um deslocamento de uma **abordagem simbólica da referência** (abordagem mais ampla, voltada ao simbolismo da linguagem) para uma **abordagem semiológica da referência** (abordagem mais específica, dedicada à semiologia da língua).

O Quadro 1, a seguir, apresenta um texto representativo de cada uma das quatro abordagens da referência mencionadas no parágrafo anterior e, para cada texto, as acepções dele derivadas.

Quadro 1. Textos (e suas respectivas acepções de *referência*) representativos das abordagens referenciais em Benveniste.

PERSPECTIVA DA SEMÂNTICA DA ENUNCIÇÃO		PERSPECTIVA DA METASSEMÂNTICA	
<i>Abordagem indicial da referência</i>	<i>Abordagem operatória da referência</i>	<i>Abordagem simbólica da referência</i>	<i>Abordagem semiológica da referência</i>

"Da subjetividade na linguagem" (1958): • A referência envolve a relação das formas pronominais com as pessoas do discurso a que remetem, podendo ser explícita ou implícita, como na maioria das sociedades extremo-orientais, cujas relações de classe impõem, em determinadas circunstâncias sociais, a omissão de pronomes pessoais. • A referência envolve a relação da categoria de pessoa com as categorias de espaço e de tempo na organização das coordenadas enunciativas estruturantes da instância de discurso. • A referência envolve a relação do locutor com o presente em que se enuncia como sujeito, relação cuja possibilidade está atrelada à atualidade referencial característica da instância discursiva, uma realidade atual porque cada vez atualizada na singularidade de cada ato de discurso. • A referência envolve a relação da alocação com um objeto situado "fora" dela, mas por ela constituído, porque	"O aparelho formal da enunciação" (1970): • A referência envolve a relação que o locutor estabelece com a língua ao empregá-la para expressar uma certa relação com o mudo (necessidade de referir). • A referência envolve a relação que o locutor estabelece com o alocutário, o outro que ele postula diante de si ao referir pelo discurso e ao possibilitar que esse outro correfera identicamente (possibilidade de correferir). • A referência envolve um mecanismo integrante do mecanismo total e constante da enunciação e, como esta, afeta a língua toda, submetendo-a à mediação do locutor, o qual a mobiliza em sua integralidade para convertê-la discursivamente. • A referência envolve uma certa relação da enunciação com o mundo, relação dialética, porque a situação enunciativa é tanto condicionada pelo ato de enunciação quanto o condiciona. • A referência envolve tanto a remissão da enunciação a si própria no tempo <i>semel-natif</i> do discurso (propriedade	"Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística" (1963)⁸: • A referência envolve a <i>re-produção</i> (reinvenção) da realidade pela linguagem, que, atualizada em ato de discurso na situação de troca e de diálogo, possibilita ao locutor representar a realidade (fazer renascer o acontecimento pela sua fala) e, ao ouvinte, recriar a realidade (apreender o discurso do falante e, por meio deste, o acontecimento <i>re-produzido</i>). • A referência envolve a <i>re-produção</i> do mundo pela linguagem a partir da configuração da forma do pensamento pela estrutura articulada da língua, ou seja, a partir da decomposição do conteúdo do pensar em categorias linguísticas que organizam esse conteúdo, viabilizando uma classificação formal tanto dos objetos quanto dos processos e, consequentemente, a comunicação intersubjetiva e a relação indivíduo-sociedade. • A referência envolve uma relação de significação entre algo (o real) e algo diferente (o signo), uma capacidade representativa da qual	"Estrutura da língua e estrutura da sociedade" (1968/1970)⁹: • A referência envolve o poder da língua de transmutação da experiência em signos e de redução categorial, poder por meio do qual a língua engloba a sociedade e a contém em seu aparelho conceitual. • A referência envolve o poder da língua de configuração da sociedade e de instauração do semantismo social, faculdade semântica ligada à relação entre o referente/referência (realidade designada) e a designação (fato de vocabulário), a qual pode continuar existindo mesmo quando o referente/referência se transformou, sendo um exemplo disso a variação da referência na estabilidade da significação ilustrada pela polissemia (acúmulo, sob a constância de um mesmo termo, de uma diversidade referencial). • A referência, enquanto funcionamento e operação discursiva, envolve uma relação enunciativa que, junto da relação alocucional, possibilita a produção de discurso sobre alguma
---	---	--	---

⁸ Em Oliveira (2022a), apresento argumentos que justificam a inserção do artigo "Vista d'olhos do desenvolvimento da linguística" (1963) na perspectiva metasssemântica da referência, mais especificamente na abordagem simbólica desta. Trata-se de argumentos relacionados a pontos que, latentes já nesse texto de 1963, repercutiriam na teorização semiológica que Benveniste desenvolveria na segunda metade da década de 1960, quais sejam: o poder signifiante da língua, o seu papel fundante da comunicação intersubjetiva e da relação indivíduo-sociedade, tal como o seu lugar central em uma possível ciência ou teoria das atividades simbólicas do homem. Entretanto, como ressaltado no livro, a inserção do artigo em questão em tal perspectiva não autoriza afirmar que há já, nele, o projeto de uma metasssemântica/semiologia da língua. O que penso haver, no texto em pauta, é um embrião da teorização semiológica.

⁹ Escolho, aqui, o artigo "Estrutura da língua e estrutura da sociedade" (1968/1970) como representativo da abordagem semiológica da referência, pois o texto "Semiologia da língua" (1969) – também representativo dessa abordagem – é por mim focalizado, além de no livro já citado (OLIVEIRA, 2022a), em outro trabalho, igualmente já mencionado (OLIVEIRA, no prelo).

enunciado em seu interior.	autorreferencial) quanto a ação do locutor sobre o outro no tempo partilhado do diálogo (propriedade alocucional). • A referência envolve a relação entre a língua e a realidade construída no discurso do locutor (<i>sui-</i> ou autorreferência), de maneira que, de plena e sempre constante, a referência das formas não pessoais (não dêiticas) torna-se, também ela, vazia e cada vez cambiante, como a referência das formas pessoais (dêiticas). • A referência envolve o aparelho linguístico da enunciação, que, por ser <i>sui-reflexivo</i>, possibilita tanto o monólogo como diálogo interiorizado quanto a enunciação e o diálogo como portadores de objeto, finalidade, mensagem.	depende a abstração, a imaginação criadora e a fundação, na língua, tanto do indivíduo quanto da sociedade. • A referência envolve a transformação simbólica dos elementos da realidade ou da experiência em conceitos (sentidos), que se relacionam com palavras (formas) no encadeamento discursivo, relação que produz signos (representações) distintos de seus referentes materiais (objetos e situações). • A referência envolve uma mediação discursiva entre elementos que são discursivamente constituídos nessa mediação mesma, sendo organizados pelo simbolismo da linguagem e do pensamento.	coisa, sobre o mundo, sobre o que não é a alocução. • A referência envolve os usos que cada classe da sociedade faz do sistema comum a todos, ao se apropriar dos termos gerais e ao atribuir a eles referências específicas, as quais revestem tanto os lexemas isolados quanto a integração desses lexemas em arranjos estilísticos característicos de cada classe.
----------------------------	--	---	--

Fonte: Elaborado pelo autor.

As acepções de *referência* derivadas dos textos de Benveniste indicam, ainda, que a referência – tanto como **termo** quanto como **problema** – constitui, com outros termos e com outros problemas de sua teoria da linguagem com os quais estabelece relações e oposições, uma verdadeira constelação terminológica e problematológica. Tal constelação mostra a unidade e a coerência de um pensamento sustentado por quatro alicerces.

O primeiro alicerce é o **primado da significação**, transversal a todos os textos de Benveniste e central nas investigações que o linguista conduzia nos anos terminais de sua atividade acadêmica. Disso, dá testemunho o próprio estudioso, em carta traduzida por Teixeira e Messa (2015): “Todas as pesquisas que fiz nesses últimos anos e o projeto que criei têm em vista o mesmo propósito [...] Em resumo, minha preocupação é saber como a língua ‘significa’ e como ela ‘simboliza’” (BENVENISTE in BRUNET; MAHRER, 2011, p.35 *apud* TEIXEIRA; MESSA, 2015, p.104, aspas do original).

O segundo alicerce é o **pressuposto antropológico**, que implica uma relação fundante entre o homem/falante, a linguagem/língua e a sociedade/cultura. Segundo Benveniste, “A

linguagem está na natureza do homem” e “ensina a própria definição do homem” (BENVENISTE, 2005 [1958], p.285), assim como “Vemos sempre a linguagem no seio da sociedade, no seio de uma cultura” e “toda criança [...] aprende necessariamente com a língua os rudimentos de uma cultura” (BENVENISTE, 2006 [1968], p.23).

O terceiro alicerce é a **função mediadora da língua**, no estabelecimento das relações “entre o homem e o homem, entre o homem e o mundo, entre o espírito e as coisas, transmitindo a informação, comunicando a experiência, impondo a adesão, suscitando a resposta, implorando, constringendo; em resumo, organizando toda a vida dos homens” (BENVENISTE, 1974 [1966/1967], p.224). Para Benveniste (2005 [1963], p.31), “O fato de existir semelhante sistema de símbolos revela-nos um dos dados essenciais, talvez o mais profundo, da condição humana: o de que não há relação natural, imediata e direta entre o homem e o mundo, nem entre o homem e o homem”, de maneira que “É preciso haver um intermediário, esse aparato simbólico, que tornou possíveis o pensamento e a linguagem”.

O quarto alicerce é o **caráter dialético dos termos e dos problemas teóricos** por Benveniste abordados. Exemplificam um tal caráter dualidades como as seguintes, depreendidas dos textos do *corpus* teórico: *instância de discurso/sintaxe da língua, referência subjetiva/referência objetiva, signos vazios/signos plenos, semiótico/semântico, forma/sentido, significante/significado, sentido/referência, referência/referente, signo/palavra, signo/frase, frase/palavra, ideia da frase/emprego da palavra, referência da frase/referente da palavra, homem/homem, homem/mundo, espírito/coisas, realidade intrínseca da língua/coisas fora da língua, significado do signo/sentido da frase*. É bem em uma realidade dialética que a referência é por Benveniste tratada, seja no **âmbito empírico** (como ilustram as suas reflexões sobre a relação forma-sentido-referência), seja nos **âmbitos terminológico e teórico** (como atestam as dualidades arroladas e as articulações do problema da referência com os problemas da subjetividade, da intersubjetividade, da sintagmatização, da semantização, da simbolização, da dupla significância e da interpretância).

No âmbito empírico¹⁰, o deslocamento de foco da organização referencial dos signos linguísticos (ênfase da abordagem indicial da semântica da enunciação) para o

¹⁰ As ideias de *empírico* e de *teórico/terminológico* talvez não sejam, aqui, as mais adequadas, pois o empírico é já um “empírico teorizado”. O que quero enfatizar, com tais ideias, é o aspecto mais “concreto” (porque relacionado ao uso vivo da língua) do que estou designando como *empírico* e o aspecto mais “abstrato” (porque relacionado à lógica interna da teoria) do que estou designando como *teórico* e *terminológico*.

funcionamento da referência no processo enunciativo como um todo (ênfase da abordagem operatória dessa perspectiva) sinaliza uma mudança que parece gradualmente suspender a própria diferença entre, de uma parte, a referência e, de outra, a *sui-* ou autorreferência. Nessa suspensão, toda a língua passa a ser autorreferencial, porque submetida em sua integralidade à mobilização pelo locutor, que atualiza os signos em palavras ao sintagmatizá-las na frase para referir pelo discurso e para possibilitar ao outro correferir, a fim de, juntos, estabelecerem “uma certa relação com o mundo” (BENVENISTE, 2006 [1970], p.84).

Nos âmbitos terminológico e teórico, embora não haja, para o termo *referência*, um único termo que com ele entre em uma “retórica da distinção ou da oposição” (cf. BADIR; POLIS; PROVENZANO, 2012, p.6) – caso dos pares *pessoa/não pessoa* e *semiótico/semântico* –, essa retórica não deixa de existir, porém relacionando o termo *referência* não a um só termo, mas a uma rede de termos interdependentes (cf. FLORES, 2013, p.24), rede que inclui, também, problemas teóricos associados a esses termos. Trata-se do que Fenoglio (2018, p.74) chama de “dispositivos conceituais conjugados” ou, como prefiro chamar, de **dispositivos teóricos conjugados**, que envolvem “distinções conjugadas, isto é, sistemas de relações”. Tais relações e oposições dialéticas formam uma verdadeira constelação terminológica e problematológica, na qual a referência é uma das estrelas mais fulgurantes.

Em relação aos **estatutos teóricos**, a trajetória percorrida no interior da teoria da linguagem benvenistiana possibilita a atribuição de quatro estatutos à referência nela, organizados em dois planos, um terminológico e outro problematológico.

No plano terminológico, o termo *referência* tem o **estatuto de estenograma** (termo que abrevia um conjunto de proposições teóricas, cf. MILNER, 2021) e o **estatuto de marcador de historicidade** (termo que tanto pode ser tomado na história dessa teoria quanto assinala momentos decisivos dela, cf. BADIR; POLIS; PROVENZANO, 2012).

No plano problematológico, o problema da referência tem o **estatuto de princípio de discriminação** (critério que distingue tanto o semiótico e o semântico entre si, cf. ARESI, 2012, quanto cada um desses domínios em sua particularidade, bem como suas respectivas noções, cf. BENVENISTE, 2006 [1966/1967]) e o **estatuto de mecanismo geral da linguagem** (um dos fundamentos do funcionamento da linguagem humana, cf. prefácio dos PLG I).

Se a linguística é, para Benveniste (2006 [1968], p.29), “a tentativa de compreender este objeto evanescente: a linguagem, para estudá-la como se estudam os objetos concretos. Trata-se de transformar as palavras que voam – o que Homero chamava as ‘palavras aladas’

– em uma matéria concreta, que se estuda, que se disseca”, pode-se dizer, parafraseando o linguista, que a investigação da qual resultou a visão de conjunto apresentada nesta seção foi uma tentativa de transformar os termos e os problemas que, no pensamento benvenistiano, voam em torno da referência em uma matéria concreta, que se estuda, que se disseca.

Palavras finais

O que os estudos sobre a referência devem a Benveniste?

Esses estudos lhe devem a reabilitação, no cerne da linguística, da “relação entre língua e realidade, questão suspensa pelos linguistas marcados pela herança saussuriana, que afastam a realidade de sua disciplina” (GADET, 1990, p.33). Com efeito, a interrogação sobre a referência, tal como “a interrogação sobre o sujeito [,] se inscreveu em um movimento de conjunto das ciências humanas conduzidas a reconsiderarem as grandes exclusões do estruturalismo: a história, a referência, o sujeito” (DESSONS, 2006, p.98).

Devem-lhe, ainda, o fato de o termo *referência* (tal como seus termos correlatos) ter em Benveniste um inventor, não no sentido de criador – afinal, a palavra existe e circula há muito tempo entre filósofos e linguistas –, mas no sentido daquele que, se não é o primeiro, é um dos primeiros linguistas que *ativam*¹³ tal palavra como termo na linguística moderna, termo cujo percurso pode ser traçado e considerado um progresso, bem como termo a partir do qual Benveniste inventa um novo discurso teórico acerca da relação língua-realidade, discurso em que outros vieram a se reconhecer.

No que concerne a esse novo discurso teórico, se “a especificidade sui-referencial dos termos da ‘pessoa’ [...] permite a Benveniste como linguista tratar da referência, sem reduzir a semântica a seu modelo lógico-positivista” (NORMAND, 2009b [1996], p.154, aspas do original), esse não é o único traço definidor do tratamento benvenistiano da referência. Ora, também a especificidade semiológica da língua permite a Benveniste, como linguista, tratar da referência, sem reduzir a semântica nem ao modelo lógico-positivista – como pontua Normand (2009b [1996]) nem – acrescentaria eu – a um modelo enunciativo *stricto sensu*.

¹³ Essa ideia de *ativação* consta em Badir, Polis e Provenzano (2012, p.8, aspas do original): “[...] a palavra, pura forma disponível na língua, é ativada enquanto termo, isto é, [...] a palavra é considerada em sua ‘expressividade’”. Aliás, a discussão que faço da **referência como termo** em Benveniste é tributária desse estudo de Badir, Polis e Provenzano (2012) sobre a **enunciação como termo** no pensamento benvenistiano. Para mais informações, ver Oliveira (2022a).

Isso porque, como demonstra a visão de conjunto apresentada na íntegra em Oliveira (2022a) e aqui sintetizada –, a teorização de Benveniste relativa à questão referencial abre duas grandes perspectivas de investigação da significância: a **perspectiva da semântica da enunciação** (em cujo âmago está a referência em sua dimensão enunciativa) e a **perspectiva da metassemântica** (em cujo âmago está a referência em sua dimensão semiológica, que inclui a dimensão enunciativa e vai além dela).

Mas também Benveniste é devedor, em alguma medida, dos estudos sobre a referência. Afinal, o termo *referência* (tal como seus termos correlatos) é um dos meios de afirmação e de assunção da teoria da linguagem benvenistiana, pois vai se fazendo existir e se impondo no âmbito dessa teoria como uma abertura que ela promove nos estudos da linguagem. Uma abertura ao “mundo”, afastado – como dito antes – do objeto da linguística na fundação e na consolidação desta enquanto ciência.

Todos os estudos – tanto os realizados na França quanto os realizados no Brasil – retomados na primeira seção deste artigo dão mostras da importância do problema da referência no âmbito da teoria da linguagem benvenistiana.

Mesmo a pesquisa de Cardoso (1997), a despeito de algumas interpretações de que me distancio, guarda valor histórico por ser emblemática do que Flores (2017) chama de **primeira recepção** de Benveniste no Brasil (entre os anos 1970 e 1990), carente de um entendimento mais amplo da obra do autor. A **segunda recepção** das ideias benvenistianas no país (a partir de fins dos anos 1990) caracteriza-se, conforme Flores (2017), por um crescente interesse na leitura de Benveniste, considerando-se a amplitude de sua teoria da linguagem, não redutível à enunciação. Dessa segunda recepção, são representativos os estudos de Aresi (2012), Ciulla (2018a, 2018b), Hoff (2018) e Flores (2019).

Já os estudos de Normand (2009a [1997]; 2009b [1996]), Dessons (2006) e Ono (2007), desenvolvidos na França, alinham-se à terceira das três leituras que Normand (2009c [1997]) descreve em relação à recepção francesa das ideias benvenistianas: a **leitura enunciativa**.

Entretanto, ainda que os estudos do Brasil representativos da segunda recepção não reduzam a teoria da linguagem de Benveniste à sua teorização enunciativa e ainda que os estudos da França não ignorem as duas outras leituras (a **leitura comparatista** e a **leitura estruturalista**), nota-se o foco na teorização enunciativa nessas pesquisas tanto nacionais quanto internacionais que abordam a questão referencial no pensamento benvenistiano. Dito de outro modo, se os estudiosos da teoria da linguagem de Benveniste não ignoram a

amplitude desta, ao tratarem da referência nela, ainda assim, circunscrevem esse problema à teorização benvenistiana concernente à enunciação.

Ademais, apesar de suas distintas contribuições, tais trabalhos focalizam ou o surgimento do problema da referência na teoria da linguagem benvenistiana (cf. NORMAND, 2009b [1996]) ou aspectos pontuais da teorização do linguista a respeito do problema em pauta (cf. DESSONS, 2006; ONO, 2007; CARDOSO, 1997; ARESI, 2012; CIULLA, 2018a, 2018b; HOFF, 2018; FLORES, 2019). Em outras palavras, nenhum desses estudos propôs-se a realizar uma incursão de fôlego pelos diferentes textos em que têm lugar as elaborações teóricas de Benveniste acerca da relação língua-realidade, a fim de reconstituir a diacronia dessas elaborações e as mudanças das quais são sede.

Dupla é, então, a contribuição que creio ter fornecido na investigação empreendida em Oliveira (2022a) e cujos resultados foram resumidos na segunda seção deste artigo. Em primeiro lugar, busquei ampliar o escopo da fortuna crítica benvenistiana relativa à referência, de forma a incluir, nesse escopo, além das ideias de Benveniste sobre a **enunciação**, igualmente as suas ideias sobre a **semiologia**. Em segundo lugar, procurei examinar os desdobramentos do problema da referência em diversos textos do linguista, com vistas não só a destacar elementos mais específicos de suas reflexões em torno desse problema, mas também a derivar uma **visão de conjunto** de tais reflexões e dos deslocamentos que sofreram em seu curso mesmo de formulação.

No entanto, como é próprio ao fazer científico, o ponto de chegada dessa investigação é, ao mesmo tempo, o ponto de partida para novas pesquisas. Dentre outros temas que, vinculados à questão referencial em Benveniste, deverão me ocupar em estudos futuros, estão as elaborações acerca dessa questão em publicações póstumas de autoria atribuída ao linguista: o dossiê *Baudelaire*, no qual a referência comparece nas discussões a respeito da linguagem poética, e as *Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)*, nas quais a referência figura nas problematizações a propósito da escrita.

Leitmotiv de Benveniste, o problema da referência é uma das grandes interrogações que acompanharam o linguista durante toda a sua existência, para usar termos por ele empregados na entrevista “Esta linguagem que faz a história”, concedida a Guy Damur em 1968, um ano antes do acidente vascular cerebral que interrompeu sua brilhante carreira:

G.D. – No seu ensino, o senhor tem a impressão de prolongar um estudo que o senhor começou há muito tempo ou, cada vez, é um recomeço?

E.B. – Há as duas coisas. Há evidentemente um certo número de interrogações que lhe acompanham durante toda sua existência mas, de qualquer forma, talvez seja inevitável na medida em que se tem uma ótica própria. Mas há o enriquecimento constante do trabalho, da leitura, da estimulação que vem dos outros. Eu me utilizo do desenvolvimento de todas as ciências que seguem a mesma direção. (BENVENISTE, 2005 [1968], p.38).

REFERÊNCIAS

ARESI, Fábio. **Síntese, organização e abertura do pensamento de Émile Benveniste**: uma exegese de *O aparelho formal da enunciação*. 2012. 207 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2012.

BADIR, Sémir; POLIS, Stéphane; PROVENZANO, François. Benveniste serait-il aujourd’hui un linguiste de l’énonciation? **Arts et Savoirs**, v. 2, p. 1-23, 2012.

BENVENISTE, Émile. **Problèmes de linguistique générale 1**. Paris: Gallimard, 1966.

BENVENISTE, Émile. **Problèmes de linguistique générale 2**. Paris: Gallimard, 1974.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

BENVENISTE, Émile. **Baudelaire**. Limoges: Éditions Lambert-Lucas, 2011.

BENVENISTE, Émile. **Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)**. São Paulo: Editora Unesp, 2014 [1968-1969/2012].

BENVENISTE, Émile. **Dernière Leçons – Collège de France (1968 et 1969)**. Paris: EHESS / Seuil / Gallimard, 2012 [1968-1969].

BOUQUET, S. D’une théorie de la référence à une linguistique du texte : Saussure contre Saussure ? *Cahiers Ferdinand de Saussure*, v. 52, p. 37-42, 1999.

CARDOSO, Sílvia Helena Sarbi. Benveniste: enunciação e referência. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, ano 6, n. 5, v. 1, p. 65-86, jan./jun. 1997.

CIULLA, Alena (2018a). Um lugar para a referência, sob um ponto de vista da enunciação. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, v. 60, n. 3, p. 691-708, set./dez. 2018.

CIULLA, Alena (2018b). Sobre a definição de dêixis a partir de "A natureza dos pronomes". **Desenredo**, v. 14, p. 3, p. 364-379, set./dez. 2018.

DESSONS, Gérard. **Émile Benveniste, l'invention du discours**. Paris: Éditions in Press, 2006.

DUFOUR, Dany-Robert. **Mistérios da trindade**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

FENOGLIO, Irène. Des couples « interprétants » plutôt que des représentations: la démarche de Benveniste. **Histoire Épistémologie Langages**, tomo 4, fascículo 1, p. 67-79, 2018.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. São Paulo: Parábola, 2013.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Saussure e Benveniste no Brasil**: quatro aulas na École Normale Supérieure. São Paulo: Parábola, 2017.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Problemas gerais de linguística**. Petrópolis: Vozes, 2019.

GADET, Françoise. **Saussure**. Une Science de la langue. 2. ed. Paris: PUF, 1990.

HOFF, Sara Luiza. **A nota "La traduction, la langue et l'intelligence"**: o fenômeno tradutório na e a partir da reflexão sobre a linguagem de Benveniste. 2018. 210 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2018.

MILNER, Jean-Claude. **Le périple structural**. Lagrasse: Verdier/Poche, 2008.

MILNER, Jean-Claude. **Introdução a uma ciência da linguagem**. Petrópolis: Editora Vozes, 2021.

NEF, Frédéric. Indexicalité et indicialité: pragmatique formelle et théorie de l'énonciation. **Histoire Épistémologie Langage**, tome 8, fascicule 2, p. 257-275, 1986.

NORMAND, Claudine. Les termes de l'énonciation de Benveniste. **Histoire Épistémologie Langage**, tomo 8, fascículo 2, p. 191-206, 1986.

NORMAND, Claudine. Interior/exterior: função de uma metáfora. In: NORMAND, Claudine. **Convite à Linguística**. São Paulo: Contexto, 2009a [1997].

NORMAND, Claudine. Émile Benveniste: qual semântica? In: NORMAND, Claudine. **Convite à Linguística**. São Paulo: Contexto, 2009b [1996].

NORMAND, Claudine. Leituras de Benveniste: algumas variantes sobre um itinerário demarcado. **Letras de Hoje**, v. 44, n. 1, 6 ago. 2009c [1997].

OLIVEIRA, Giovane Fernandes. Da referência mostrada à referência constituída: a inserção da criança na língua e na cultura. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 62, n. 00, p. 1-22, 2020.

OLIVEIRA, Giovane Fernandes (2022a). **O problema da referência em Émile Benveniste**. Curitiba: Appris, 2022, 198 p.

OLIVEIRA, Giovane Fernandes (2022b). **Do *homo loquens* ao *homo loquens scriptor***: por uma perspectiva semiológico-enunciativa da aquisição da escrita. 2022. 428 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

OLIVEIRA, Giovane Fernandes. Saussure, Benveniste e referência. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, no prelo.

ONO, Aya. **La notion d'enonciation chez Émile Benveniste**. Limoges: Lambert-Lucas, 2007, 236 p.

ROSÁRIO, Heloisa Monteiro. **Um périplo benvenistiano: o *semiólogo* e a *semiologia da língua***. 2018. 173 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

SILVA, Carmem Luci da Costa. **A criança na linguagem**: enunciação e aquisição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.

TEIXEIRA, Marlene; MESSA, Rosângela Markmann. Émile Benveniste: uma semântica do homem que fala. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 13, n. 1, p. 97-116, jun./dez. 2015.

ⁱ Doutor em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPG-Letras) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

e-mail: gio.ufrgs@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8251-8353>.

Recebido em 26/06/2023
Aprovado em 10/08/2023



Esta obra está licenciada sob uma licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).